

Evocando memórias e lugares de pertencimento pela reinterpretação do passado nos álbuns de família de comunidades quilombolas de Juazeiro, BA¹

Cássio VIANA²

Danilo ARAÚJO³

Márcia Guena dos SANTOS⁴

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

RESUMO

Este artigo tem por objetivo expor os resultados da pesquisa “Território e memória” que investigou os álbuns de quatro famílias das comunidades do Rodeador, Alfavaca e Capim de Raiz, localizadas em Juazeiro, na Bahia. Empregamos a metodologia adotada por Armando Silva (2008) em que ele propõe a leitura da imagem pelos próprios sujeitos, com o objetivo de, no nosso caso, discutir as várias memórias em jogo: a coletiva, que remete ao quilombo; as familiares e individuais, todas entrelaçadas com as discussões de identidade e território, conceitos também trabalhados nesse artigo, a partir de autores explicitados na metodologia. Esse retorno às imagens reverbera de maneira decisiva no processo de autodefinição quilombola, pois os sujeitos, e alguns casos, passam a reconhecer e exigir os direitos estabelecidos pelo Estado no atual marco constitucional.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; memória; identidade; álbuns de família; populações quilombolas.

INTRODUÇÃO

O estudo sobre os álbuns de família tem sido um importante campo de indagação da pesquisa “Perfil fotoetnográfico das populações quilombolas da região do Submédio São Francisco: identidades em movimento”, - desenvolvida no curso de Comunicação Social-Jornalismo em Multimeios, do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus de Juazeiro e coordenada pela professora Márcia Guena – possibilitando a interação com os sujeitos quilombolas por meio da leitura de imagens feitas por eles mesmos num tempo já extinto, mas que permanece pulsante no processo de revisitação às memórias e a lugares de pertencimento, num tempo presente, ressignificado pelo passado.

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016.

² Autor do artigo e estudante do curso de Jornalismo em Multimeios, fcassio96@gmail.com

³ Coautor do artigo e estudante do curso de Jornalismo em Multimeios, dbsdaniilo@gmail.com

⁴ Orientadora do artigo e professora Dra. do curso de Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios, marciaguena@gmail.com

O subprojeto “Território e memória nos álbuns de família de comunidades quilombolas do Rodeador, Alfavaca e Capim de Raiz” obedece a linha de motivação do projeto de pesquisa, alinhando-se ao campo da pesquisa ação. Nesse sentido, o subprojeto perseguiu a investigação do acervo imagético das comunidades quilombolas do Rodeador, Alfavaca e Capim de Raiz, localizadas em Juazeiro, no extremo norte da Bahia, com o intuito de aprofundar os estudos sobre essas comunidades, contribuir com os processos de construção permanente de suas memórias, de certificação e titulação de suas terras.

Diante da peculiaridade dessas populações o que impulsionou o desenvolvimento dessa pesquisa foi o espaçamento entre as origens dessas populações e os direitos já reconhecidos às comunidades negras quilombolas pelo Estado. No Perímetro do Submédio São Francisco, existem 14 comunidades quilombolas, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, no entanto, somente o Alagadiço conquistou em maio desse ano a certificação junto a Fundação Palmares, órgão do Governo Federal responsável por esses processos. As demais comunidades continuam vulneráveis a conflitos de terras com o desenvolvimento do agronegócio e dos grandes empreendimentos públicos na região e situações de exclusão por parte das políticas públicas do Estado e do próprio município.

A pesquisa com os álbuns de famílias dessas comunidades quilombolas é importante porque permite o conhecimento dos territórios e das memórias de uma população negra que constitui 73% da população de Juazeiro, BA, segundo um estudo feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010. Percebemos que as memórias familiares permitem o entrelaçamento de histórias na região, apontando para os laços de consanguinidade existentes e para a conformação de uma memória viva e instigante sobre essa presença predominantemente negra dessa região. Pretendemos, dessa forma, criar espaços que garantam a valorização e o eco dos discursos desses (sujeitos que, em seus territórios, desenvolvem modos de vida próprios que revelam práticas de resistência ancoradas na solidariedade e na união. (VIANA, 2016, no prelo.)⁵

METODOLOGIA

Nos propomos, neste trabalho, a apresentar os resultados embasados em pesquisa do subprojeto “Território e memória nos álbuns de família das comunidades quilombolas do Rodeador, Alfavaca e Capim de Raiz”- englobado pelo projeto “Perfil fotoetnográfico de comunidades quilombolas do Submédio São Francisco: identidades em movimento”, ambos submetidos e aprovados pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia

⁵ Trabalho aprovado e apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

via plataforma Brasil e financiados pela mesma instituição juntamente com a Fundação de Amparo a pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) - a partir do acervo imagético das comunidades pesquisadas. Para isso, retomamos alguns pontos da discussão feita em outros artigos da pesquisa acerca do universo dos álbuns de família, especialmente, o trabalho “Fotografia e memória: uma reflexão metodológica sobre os álbuns de famílias de comunidades quilombolas de Juazeiro, BA” em que sugerimos um percurso metodológico próprio para o subprojeto supracitado.

No artigo citado realizamos uma reflexão densa, oriunda da nossa revisão bibliográfica sobre o tema álbuns de família. Discutimos autores como Adalberto Silva, alguns trabalhos realizados no núcleo de imagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, reencontramos alguns clássicos da fotografia como Phillipe Dubois, Susan Sontag, Villem Flusser e André Rouillé, pensamos o texto de Sandra Koutsoukos sobre fotografia de negros; Armando Silva, que traz uma discussão das concepções de fotografia a partir do seu potencial indiciário e narrativo, bem como a trajetória metodológica da sua pesquisa com os álbuns de família; e autores da área da teoria da imagem como Martine Joly tudo isso para refletir sobre a metodologia adotada na pesquisa.

Partimos de uma configuração social das comunidades investigadas para dialogar com as metodologias propostas pelos autores estudados no artigo supracitado, em que sugerimos um percurso metodológico próprio para a nossa pesquisa. A metodologia que mais interessou o grupo de pesquisa foi a adotada por Armando Silva na sua investigação realizada na Colômbia e nos Estados Unidos, em razão de algumas similaridades encontradas no caminho da nossa pesquisa: a maior parte das imagens não estavam organizadas em álbuns organizados e ornamentados, mas soltas em caixas, sacos plásticos e gavetas. Outra similaridade com a investigação de Armando Silva foi a presença marcadamente feminina no processo de enunciação das imagens. Na maioria das famílias investigadas foram as mulheres que organizaram e comentaram as fotos colecionadas, “o que aponta para uma perspectiva feminina dos álbuns de família que merece uma observação mais cuidadosa” (VIANA, 2016, p. 12). Nos indagamos com a seguinte questão: o que destacar em uma pesquisa com álbuns de família?

No caso de Silva, ele adotou pontos de vista “históricos, sociais, regionais, sexuais, de geração e territoriais” (SILVA, 2008, p. 128), para avaliar diferentes ritos passados pelas famílias, diferenciando-os de acordo com os pontos de vista acima, tomados pelo autor como

mediadores de uma cultura. O autor também destaca um aspecto que nos parece muito importante e que vai aparecer nas discussões de Sontag e de Koutsoukos: se trata do que não é revelado nas imagens, o que não foi enquadrado, o que foi eliminado do enquadramento. Muitas vezes as imagens ocultas aparecem nos relatos ou são instigadas a aparecer pelo investigador, muitas vezes questões fundamentais para compreensão das realidades. (VIANA, 2016, no prelo.)

Considerando as peculiaridades das comunidades investigadas, (problemas estruturais como, por exemplo, dificuldade de acesso à água; falta de transporte público; ausência de serviços de saúde e equipamentos urbanos como creches, escolas, casas de cultura, dentre outros) tecemos pontos de vista que sugerem categorias de organização das imagens, utilizando os pontos de vista de Silva, mas adotando um percurso metodológico próprio. Os pontos de vista são: o território, os traços da história negra e a identidade. Buscamos estar atentos a estas questões nos relatos dos sujeitos entrevistados, no modo em que eles reencontravam e se relacionavam com as suas imagens.

Refletir sobre o território possibilita discutir as relações de ocupação do espaço ao longo do tempo, expandindo, logo, aos processos de disputa da terra por parte das populações negras rurais. Os traços da história negra estão presentes nas imagens por meio da presença dos familiares mais velhos ou mesmo jovens –neste ponto de vista, englobamos subcategorias como festas familiares, coletivas e momentos políticos da comunidade. Por último, as identidades reveladas nas imagens dos álbuns de família. O que nos interessa é pensar como as pessoas se veem em relação às suas origens diante de um território onde coexistem uma multiplicidade de identidades: negra, indígena, sertaneja e cantigueira?

Para além da adoção dos pontos de vista e suas categorias, utilizamos também como métodos a revisão da literatura concernente ao tema; assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido e de autorização do uso da imagem durante as entrevistas; levantamento preliminar das imagens familiares com comentários livres; seleção das imagens por temáticas como, por exemplo, festas familiares, festas comunitárias e manifestações culturais; escaneamento das imagens e, por fim, entrevistas abertas. Pretendemos ao final publicar um livro direcionado às comunidades investigadas acompanhada de uma exposição fotográfica. É importante ressaltar que todas as seleções de imagens foram feitas pelos próprios sujeitos das comunidades investigadas, principalmente pelas relatoras.

Para este trabalho, trouxemos também as concepções de autores que se debruçam entender a fotografia como instrumento que possibilita o acesso à reconstrução de memória como Boni (2014), Hoffmann (2014) e Teixeira (2014). Esses mesmos autores também de que forma as características identitárias são percebíveis nos álbuns de família. Alinhado a isso, apresentamos algumas fotografias encontradas no decorrer do processo de investigação, ilustrando a discussão e expondo as narrativas feitas pelos próprios sujeitos no processo de leitura dos seus álbuns de família.

MEMÓRIA E IDENTIDADE NOS ÁLBUNS DE FAMÍLIA

No livro “Álbuns de família: a imagem de nós mesmos”, Armando Silva discute a fotografia a partir do seu potencial indiciário e narrativo e também nos convida a pensar os álbuns de família como rito social. No entanto, antes disso, o autor discute aspectos importantes para a condição de existência dos álbuns de família: a família, como sendo o sujeito representado; a fotografia, meio visual de registro e objeto que torna possível a visualidade e representação do sujeito e o álbum, uma maneira/técnica de arquivar essas imagens. Para além dessas condições há um quarto aspecto que “se desprende dos anteriores e os modifica como razão do ser: o álbum conta histórias” (SILVA, Armando, p. 23).

A quarta condição de existência do álbum de família seria o “contar”, já que se trata de uma ação que conjectura as anteriores. Se não há o que narrar não se pode contar, mas quando se tem as outras três condições já se está narrando alguma coisa. Logo, “contar” é a condição narrativa da existência do álbum de família.

O autor expõe, ainda, o conceito de “pragmática da fotografia”, de Philippe Dubois, que diz que “as fotografias não têm significação em si mesmas: seu sentido é externo a elas e está determinado pela sua relação efetiva com o seu objeto e sua situação de enunciação”. Portanto, para além da imagem, o sentido da fotografia pode ser acessado através do processo de enunciação, por quem coleciona as fotografias e as conta:

Esse processo de enunciação a partir do relato de quem narra a fotografia dá espaço para o terreno da História Oral que deixa escapar lembranças, memórias sobre um tempo já extinto, mas que ainda sobrevive no presente a partir da ressignificação do passado. Num artigo onde discutem a fotografia como disparadora do gatilho da memória, Boni e Teixeira (2014) explicitam uma concepção acerca da memória por Maurice Halbwachs (2004), onde a memória é resultado

de uma construção social, ou seja, os indivíduos constroem suas memórias individuais a partir das suas relações com os outros, da memória coletiva. (VIANA, 2016, no prelo.)

Sobre essa relação entre fotografia e oralidade, resta-nos compreender de que forma as imagens funcionam como instrumentos que tem o poder de nos transportar para um tempo já vivido, mas que permanece vivo por ressignificação e que pode reconstruir nossas identidades.

No seu livro “Sobre fotografia” Susan Sontag (2004) discute, também, o processo de industrialização da fotografia, que fez com que as instituições de controle como, por exemplo, a família e a polícia, a utilizasse como instrumento de informação. Nesse momento em que a fotografia é absorvida nessas instituições, a imagem atinge um estado de banalização e se torna um passatempo, quer dizer, deixa de ser praticada como instrumento de arte, como qualquer outra coisa apropriada pela Indústria Cultural. A autora apresenta a fotografia como um rito social quando alude aos momentos em que a família utiliza a câmera para registrar momentos como festas, casamentos, batizados, cerimônias de premiação que contará com algum indivíduo da família, formaturas, etc.

Armando Silva também considera a fotografia como rito social, mas também como instrumento que possibilita o acesso à memória, que está diretamente ligada ao esquecimento, uma vez que não são todos os acontecimentos familiares que são registrados e colecionados nos álbuns de família, mas aqueles que passaram pelo processo seletivo do tempo.

No processo de pesquisa dos álbuns de famílias das comunidades investigadas, as entrevistas abertas deram espaço a memórias do passado muito relacionadas ao campo afetivo. Nesse processo de rememoração, os sujeitos se deparavam com um tempo que não está mais diante dos seus olhos, mas que se faz presente por meio de uma associação com o passado. Esse movimento influencia significativamente o processo de reconstrução de suas identidades e as relações de pertencimento com o território, que não é somente o lugar onde vivem, mas que constroem memórias afetivas que dizem muito sobre o que eles são. E acerca desse reforço da identidade pela reinterpretação da memória e das suas histórias, a autora Maria Luiza Hoffmann contribui:

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de

continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p.24 Apud Hoffmann, 2014, p.90)

RODEADOR

O percurso de investigação da pesquisa com os álbuns de família começou com a comunidade quilombola Rodeador, mais conhecida como Rodeadouro. Está localizada a cerca de 13 quilômetros da sede do município de Juazeiro, norte da Bahia, ficando à margem direita do Rio São Francisco, no extremo norte da Bahia, na zona do médio e baixo São Francisco e distante 500 km de Salvador, sua capital. Segundo os moradores mais velhos da localidade, ela recebeu esse nome por conta das inúmeras voltas que as embarcações tinham que dar para que se chegasse à terra firme.

A metodologia sugeria a investigação dos álbuns de famílias de duas famílias da comunidade. Sendo assim, após algumas visitas e conversas com os moradores para apresentar o meu projeto de pesquisa, consegui despertar o interesse de duas mulheres da comunidade do Rodeador acerca da minha pesquisa: Ovídia Isabel de Sena e Maria Perpétua Batista de Miranda, ambas estão entre as moradoras mais velhas da comunidade. Os primeiros encontros aconteceram com Dona Ovídia que, desde pequena, ia a igreja católica da comunidade acompanhada pelos pais. Hoje, leva consigo a condição de ser uma das representações políticas da comunidade.

Dona Ovídia nos apresentou um acervo imagético que continha nove imagens, apenas. Compreendia um conjunto de imagens soltas. Quando as vi pela primeira vez, estavam envoltas em um saco plástico, no entanto, mesmo nessas condições de arquivamento, pude perceber o esmero que ela tinha ao reencontrar suas memórias. Dona Ovídia separou o conjunto de fotos a partir das temáticas sugeridas (festas coletivas, familiares e manifestações culturais). Para a construção deste artigo, escolhi uma foto para cada temática, levando em consideração os pontos de vista discutidos na metodologia e a relação deles com os comentários da Dona Ovídia sobre essas imagens.

A primeira imagem pertence a temática “festas coletivas”, em que Dona Ovídia comenta sobre uma procissão do padroeiro da comunidade, São José. Ao revisitar essa memória, Dona Ovídia comenta:

Essa lembrança aqui foi de uma procissão de São José! Ele é o santo padroeiro e protetor da nossa comunidade e nossa igreja leva o nome dele. A igreja foi construída em sessenta e, no dia de São José, aqui vira um movimento danado! (risos). A festa começa com uma alvorada, onde tem o café da manhã de frente a igreja. Depois, a tardinha tem missa festiva e procissão. A noite tem leilão e a festa vai seguindo... É bem bonito! Aqui estão as crianças representando nossa cultura: tem o negro, o índio e o vaqueiro.

A segunda imagem dialoga com a temática “festas familiares”, em que Dona Ovídia fala sobre os dias de domingo na ilha do Rodeador com seus familiares e amigos:

Nessa aqui a turma toda tava! (risos) Esse foi, eu acho, um dia de domingo ou sábado, aqui na ilha do Rodeador. Minha irmã tinha uma barraca lá na ilha e todo mundo gostava de ir pra lá. Nessa foto estão minha irmã, nossas amigas, uns netos e mais uma cambada de menino! (risos) A gente ia muito pra lá nos fim de semana. É muito bom! Agora que não vou muito, mas antes eu ia mais. A gente se encontrava tudo lá, nos dias de domingo. Era uma farra boa arretada! (risos)

A terceira imagem está dentro da temática “manifestações culturais”, sobre o Samba de Veio, uma manifestação cultural da comunidade. Ao reencontrar aquele tempo, Dona Ovídia observa demoradamente a foto, sorri e diz:

Pra mim é um tipo de uma animação, muitas vezes você está tá muito abatido e você vai fazer um movimento desses, assim, é aquela alegria para gente né. O samba de véio pra mim começou desde quando eu tinha dez anos, meus pais não eram muito ligado ao samba não, mas eu tinha uma tia que era responsável e onde ela ia eu pequenina ia atrás também, (risos). Aí então eu fiquei nessa, só deixei de frequentar quando eu me casei que eu comecei a ganhar neném, então passei um período afastada e depois, quando foram crescendo, voltei a sambar



Foto 1: Procissão de São José



Foto 2: Ilha do Rodeador



Foto 3: Samba de Veio no Teatro Castro Alves

O outro álbum de família investigado foi o da família Batista. Dona Maria Perpétua nos apresentou um acervo preliminar que continha 15 imagens, mas que neste artigo, mostramos cinco delas, divididas nas mesmas temática. Na temática “festas

coletivas” Dona Maria Perpétua comenta uma foto da festa do dia das mães promovida pela escola da comunidade. Sobre essa memória, ela comenta a foto com um olhar que parecia estar muito distante, como se estivesse naquela cena no presente e, finalmente, relata:

Aqui foi uma festa das mães na escola e tá tudo aqui com os presente na mão. Aqui mesmo no Rodeadouro. Nessa foto estão a minha mãe e o meu irmão pequeno no braço dela, a mãe de comadre Ovídia, a professora Mazarello e tem também a irmã da mãe de comadre Ovídia. Essa lembrança é muito importante porque tá toda a mulherada da comunidade reunida... Fica na lembrança! (risos)

Em “festas familiares” estão as fotografias da sua primeira comunhão e da sua cerimônia de formatura da 4^o série. Os relatos dessas imagens estão postos nesta ordem, respectivamente. As narrativas revelam o sentimento de pertencimento da família com o território:

Essa aqui foi tirada lá nesse fialho. Antigamente uma foto era difícil só tinha aquele veio fialho lá em Juazeiro. Foi minha primeira comunhão. Aí é eu e meu irmão, o do meio, Antônio Leiteiro. Aqui eu tinha onze anos quando eu fiz a primeira comunhão e foi aqui mesmo no Rodeadouro com o padre Martins. Pra mim essa foto é uma grande importância, né, porque primeira comunhão é uma coisa bem, né? Fica na lembrança essa foto.

Sobre a foto da sua formatura:

Aqui eu estou na minha formatura com o meu neto Carlinhos e a professora. Carlinhos que foi meu padrinho. Aí teve um... Aquele Cleber, ali da ilha, ele veio, foi convidado e disse que achou muito bonito eu ser avó, tá me formando e meu neto ser meu padrinho!

Na temática “manifestações culturais” está uma fotografia do Samba de Veio se apresentando numa penitenciária de Juazeiro no dia das mães. Dona Maria relata essa foto de forma muito espontânea e feliz, mas se queixa por hoje não poder mais sambar por conta de um problema no joelho. Comenta:

“Essa aqui... É do samba! (risos) Do Samba de Veio. Aqui foi uma apresentação do samba no presídio. A apresentação foi boa porque foi um dia das mães. O Samba de Veio quando eu me entendi já existia! Se, por exemplo, tivesse um casamento e tivesse um sanfoneiro, festa dançante, mas o Samba de Veio tava lá de

latinha! Tivesse uma missa, tive qualquer movimento, um São Gonçalo... De noite era o Samba! Outros faziam promessa, com Santos Reis, pagava aquelas promessas! Era bem animado! O samba pra mim... porque nessa época, né, existia, depois foi indo... Essa tia de comadre Ovídia, ela tá até aqui nessa foto (a foto comentada na temática 1, do dia das mães na comunidade), Francisca! Ela era das enfrentante, assim, não sabe? Ela que organizava, ela batia os tamborete... Aí depois ela foi morar em Juazeiro, mas na época do samba ela vinha. Depois ela adoeceu e terminou falecendo, aí pararam, assim, cabou o samba! Depois veio uma professora, aqui eu já era veia, já casada, os filhos tudo criado, aí eu fui estudar! Toda professora que tinha pra lecionar de noite eu ia estudar. Tava fazendo nada, aí a gente ia estudar. Aí veio essa professora Dulcimeire, chama ela de Meire. Aí ia ter um movimento no Sesi, no dia 2 de setembro, 2000. Aí cada comunidade vai levar uma manifestação cultural, aí... Minha gente, vamos levar o Samba! Nesse tempo tinha um homem que veio do Salitre que gostava do Samba também, aí incutimo! Eu digo, ó: eu invento, mas não enfrento! Tem que chamar comadre Ovídia e Nezin! Quando terminou, o homem faleceu antes do evento. Sei que pensamos: vamos comprar umas roupa? Isso era eu que inventava! Eu sei que botei todo mundo pra comprar as saias e as blusas, vamos cada quem com uma blusa branca. Aí sei que nós fomos tudo de blusa branca e as saias era um amarelo, assim, estampado! Aí sei que nós fomos e quando chegou lá, o Sabiá, ali, levou São Gonçalo, Lagoa levou...



Foto 4: Dia das mães na escola



Foto 5: Batizado de Dona Maria



Foto 6: Formatura de Dona Maria



Foto 7: Samba de Veio na Penitenciária

ALFAVACA

“Quando era menino, meu pai me colocava pra trabalhar e se não fosse, era peia! (risos). Trabalhei demais. Fazia cerca, capinava feijão.... Tinha uma roça do lado, aí nós

capinava feijão, milho... tinha tudo! Brincava de roda de braço, pulava corda e pra jogar bola, eu fazia era bola de pano de mulambo! (risos)E me lembro que meu pai me contava umas história de um caboblo que morava numa serra... Na Serra do mulato!”, Fugêncio dos Santos, 65.

O caminho da nossa investigação prosseguiu e começamos a visitar uma comunidade localizada próximo aos arredores do Junco (há aproximadamente 15km da cidade de Juazeiro), a Alfavaca. A comunidade de Alfavaca é banhada pelo Rio Salitre que já está no seu limite, em razão do agronegócio –que consome uma quantidade exorbitante de água- e da ausência de chuvas. Segundo a Dona Ana Clara, sua mãe dizia que o nome da comunidade era Alfavaca porque *“tinha muito pé de alfavaca, uma plantinha que até a gente usava quando entrava um cisco no olho para poder sair. Nós colocávamos a sementinha da alfavaca no olho, aí saía e juntava e saía, eu sei que era por causa disso”*.

Escolhemos investigar a comunidade de Alfavaca porque era uma comunidade que o projeto de pesquisa não conhecia, mas que tinha uma articulação com algumas representações da comunidade. Então, decidimos apresentar a pesquisa sobre os álbuns de família a Minéia Clara, moradora da comunidade, militante das causas pela luta por terra e água e filha de Dona Ana Clara. Logo, ela se interessou pelo projeto e nos apresentou para a comunidade. A investigação seguiu com a sua família, Santos, em que os relatores do acervo imagético cedido foram a sua mãe e o seu tio, Fugêncio. Irmãos, nasceram, criaram seus filhos e netos na comunidade.

As entrevistas aconteceram em quatro encontros e o conjunto de imagens foi cedido por Ana Clara, já que seu Fugêncio só possuía imagens de parede e a maioria delas eram as mesmas que Ana Clara nos apresentou. Ao todo, o conjunto foi formado por cinquenta e oito imagens. A família Santos é a que mais possui fotos, de todas as comunidades investigadas. No percurso de leitura das imagens, os dois foram os relatores, no entanto, Ana Clara foi a que mais comentou. Diante do acervo da família Santos, agrupamos as imagens de acordo com as seguintes categorias: fotos dos fins de semana – especialmente dos domingos, segundo Dona Ana-, em que os parentes e amigos se encontravam na comunidade; festas familiares e ações políticas na comunidade. Para este artigo, apresentamos cinco fotos. Na primeira categoria, estão duas fotos que foram feitas nos dias de domingo. Uma, dos pais de Dona Ana e seu Fugêncio e outra, do seu pai

tomando banho no Rio Salitre, onde tinha uma ponte que dava em uma comunidade vizinha, por nome de Mulungu.

Sobre a primeira foto da categoria “fotos dos finais de semana”, Dona Ana Clara comenta:

Meus pais são Marcelino dos Santos e Isabel Clara dos Santos. Eu lembro tanta coisa boa deles! Eu também levei muito tapa porque tomava banho no rio demais, aqui no Rio Salitre. Aí pulava nas costas dos meninos... Era muito bom! Mas valeu a pena as brigas que eles brigavam com a gente. Meus pais trabalhavam na agricultura plantando cana, fazendo rapadura... Minha mãe plantava cebola e alho. Agora a cebola não era como a vendida hoje, era colocada naquela restia, aquela trancinha! Nós colocávamos no dedo do pé e fazia aquelas trancinhas. E não tinha veneno, era só com o adubo! Meu pai não chegou a nem conhecer, mas os outros mais velhos falavam, sabiam dessa história que os escravos eram amarrados, amarrados no tronco, não era? Sim! A história de Graciliano Duarte, que até a filha dele foi a primeira agrônoma a se formar pela uneb! Ele já é falecido, aí o pai dele era dono de engenho, um homem rico e tinha escravos, não era? Aí quando acabou a escravidão, João, o pai de Graciliano, tinha uma mulher que não sabia nem cozinhar... Isso quem me contou foi minha avó, mas meus pais também me contaram! Aí os escravos já tinham saído tudo, né? (risos) Aí disse que ela cortou a mão fazendo comida! (risos)

Sobre a segunda foto da primeira categoria, Dona Ana recorda da sua infância e fala sobre como está a situação com a água hoje na comunidade:

E essa paisagem aqui, ela é da ponte, que atravessa lá pro Mulungu. Lá pra onde a mãe de Flávio, meu marido, morava. Aqui é a ponte e o meu pai tava tomando banho com um amigo dele. Lembro que nós fomos criados bebendo água do Rio Salitre, tudo era na ilha do Rio Salitre! A água era salgada, mas a gente bebia. Aí agora é água que vem do projeto. Cai lá no Junco, aí todo mundo tá plantando com essa água. Aí agora a água de beber é essa. ”

Na segunda categoria estão as fotos de festas familiares. Uma é sobre o batizado da sua neta, Amanda. Dona Ana conta:

Aqui é a foto do batizado da minha neta, que eu to com ela aqui no braço. E aqui é a irmã Noete, que quem fez o batizado na época foi a freira. Porque os padres não vinha pra aqui. Aí tinha as freiras que fazia. É essa aqui. Aqui eu tô segurando a minha neta, Amanda, e aqui é meu esposo. Amanda mora em Juazeiro, já está com 15 anos. Aqui também no mesmo dia do batizado, tá

a mãe dela, Verônica. Minha filha tirou a foto aqui na porta da minha casa, ela mora também em Juazeiro.

Em “ações políticas da comunidade” Dona Ana destaca uma foto do dia em que aconteceu uma oficina de informática na comunidade através de uma articulação política com a Universidade e movimentos sociais. Sobre esta imagem, Dona Ana comenta:



Foto 8: Pais de Dona Ana

E aqui foi um curso de computação que teve aqui, aí no último dia se reuniram e tiraram essas fotos, né? Tem Minéia, sobrinhas minhas e muitos outros da comunidade. O nome dessa moça de azul é Ivanilda e foi ela quem deu esse curso. Foi muito importante isso acontecer porque não chega muitas coisa pra aqui.



Foto 9: Rio Salitre



Foto 10: Batizado da Neta



Foto 11: Curso de informática

CAPIM DE RAIZ

Capim de Raiz é uma comunidade que fica localizada há 13km de Juazeiro, Bahia. Compreende uma comunidade pequena, com aproximadamente 50 famílias e também vivencia os conflitos por água, mesmo sendo uma comunidade banhada pelo Rio Salitre. O que nos interessou a procurar seu Marcelino Cardoso, mais conhecido por João Santana, foi a sua longevidade e vitalidade, mesmo possuindo cento e três anos de idade. Seu João era vaqueiro e trabalhou com agricultura durante muitos anos. Seu João não nasceu na comunidade e conta que chegou na localidade em sessenta, período onde aconteceu uma enchente que alagou, literalmente, toda Juazeiro.

O que nos chamou atenção foi o fato de que João Santana não possui fotografias sobre sua trajetória de vida na comunidade. Não possui fotos com os seus pais, seus filhos e netos. Foi interessante notar a ausência de imagens na vida de um homem de 103 anos, guardião de muitas histórias. No entanto, pesquisar a comunidade de Capim de Raiz foi

importante parar percebermos a dimensão do que não está explícito nas fotos ou, no caso de seu João Santana, o que nunca foi captado.

A ausência de imagens é uma característica que aparece frequentemente entre as famílias negras brasileiras que moram na zona rural. São grupos que vivenciam um processo de exclusão histórico, inclusive quando discutimos a utilização de aparatos tecnológicos e digitais. Sandra Koutsoukos já alertava essa situação ao investigar o registro de imagens de negros em diversos arquivos nacionais:

[...]vale lembrar que a produção de retratos de pessoas brancas no século XIX no Brasil foi muito vultosa, se comparada com a quantidade “sobrevivente” de retratos de pessoas negras. Infelizmente não foi possível localizar nenhum álbum de família negra (KOUTSOUKOS, 2010, p. 84).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maior parte do conjunto de imagens que encontramos estavam arquivados em caixas soltas e sacolas plásticas. É importante perseguir a problemática de que muitos dos registros encontrados foram feitos por pessoas que estão muito ligadas ao campo afetivo dos sujeitos investigados, mas que não são moradores da comunidade, quer dizer, vivem em centros urbanos, onde o acesso a equipamentos digitais é facilitado pelo crescimento das cidades. Essas pessoas retornam às comunidades para visitação, fazem fotos, deixam poucos registros e retornam para a localidade de onde vieram.

Destacamos, também, a importância de considerar a participação efetiva dos sujeitos no processo de enunciação de suas próprias imagens. Isso fez com que pesquisadores e sujeitos se alertassem para a existência de uma memória sensível acerca de suas histórias. À medida que todas as imagens são denotativas, são igualmente conotativas, uma vez que despertam ou resgatam sentimentos e emoções sobre o que vivemos ao longo da vida. É possível perceber esse aspecto quando temos acesso as narrativas construídas pelos sujeitos ao reencontrar memórias que afirmam suas identidades negras como, por exemplo, quando Dona Ovídia e Dona Maria Perpétua comentam sobre o Samba de Veio.

Como esse artigo pretendeu confirmar o pressuposto de que a reinterpretação do passado através da leitura dos álbuns de família pelos próprios sujeitos afeta o movimento de suas identidades e seus lugares de pertencimento, acredito que conseguimos, já que os

elementos da cultura negra apareceram. Para além disso, percebemos o entrelaçamento de histórias entre comunidades negras rurais quando, por exemplo, Dona Maria Perpétua fala sobre o evento em que cada comunidade leva uma manifestação cultural que aponta para um passado em que as comunidades se relacionavam para desenvolver, de forma coletiva, mecanismos de resistência que confrontam processos de exclusão históricos no passado e no presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Danilo. **Produção fílmica e a reinvenção das identidades das comunidades quilombolas de Juazeiro**. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Caruaru - PE – 07 a 09/07/2016. No prelo.
- BONI, Paulo César; TEIXEIRA, Juliana. A proposta metodológica do uso da fotografia como disparadora do gatilho da memória. In: BONI, Paulo César. **Fotografia: usos, reflexões e repercussões**. Midiograf, Londrina, 2014, p. 43-66.
- DUBOIS, 2003, Philippe. **O ato fotográfico**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- FLUSSER, Villem. **A filosofia da Caixa Preta**. São Paulo, Annablume, 2011.
- HOFFMANN, Maria Luiza. Fotografia, gatilho de memória. In: BONI, Paulo César. **Fotografia: usos, reflexões e repercussões**. Midiograf, Londrina, 2014, p. 67-96.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa, Ed. 70, 2007.
- KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. **Negros no estúdio fotográfico**. Campinas, Sp: Editora Unicamp, 2010.
- MAGALHÃES, Nara et. al. Fotografias na cidade, imaginários urbanos: uma experiência com álbuns de família em Porto Alegre Imaginada. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.7, n.11, p.157- 174, jul./dez. 2011, Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/8805>>, acessado em 15 de maio de 2016.
- OLIVEIRA, Monique Marques; SANTOS, Márcia Guena. (2014). **Percurso Metodológico na Pesquisa em Álbuns de Famílias do Alagadiço: Uma Comunidade Rural Quilombola**. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - João Pessoa/PB - 15 a 17/05/2014.
- ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre o documento e arte contemporânea**. São Paulo, Sesc, 2009.
- SANTOS, Márcia; VIANA, Uilson. Revisando memórias e reiventando identidades nos álbuns de família de comunidades quilombolas. Revista Passagens. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará Volume 6. Número 2. Ano 2015. Páginas 184-204.
- SILVA, Armando. **Álbuns de família: a imagem de nós mesmos**. Tradução Sandra Martha Dolinsk. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.
- SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução Rubens Figueredo. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
- VIANA, Cássio. **Fotografia e memória: uma reflexão metodológica sobre os álbuns de família de comunidades quilombolas de Juazeiro, Bahia**. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Caruaru - PE – 07 a 09/07/2016. No prelo.